

*O esfacelamento da formação do leitor confrontado
pelas reflexões de Hannah Arendt e Theodor W.
Adorno*

*The weakening of the reader formation confronted
with Hannah Arendt and Theodor W. Adorno's
thought*

**João Luis Pereira Ourique¹
Priscila Monteiro Chaves²
Gomercindo Ghiggi³**

RESUMO: A partir de uma análise das últimas atualizações das pesquisas acerca da competência leitora no Brasil, percebe-se o descaso com assuntos que envolvem a leitura; em especial a de textos literários. Essa situação se torna inquietante quando se evidencia que, apesar de toda ilustração advinda dos avanços científicos e de toda informação difundida, a semiformação passou a ser dominante da consciência atual. Percebe-se, como consequência dessa realidade, a configuração de um país em que a leitura mantém um cunho predominantemente utilitarista, estando ainda fortemente atrelada ao contexto escolar. Entendido o potencial ético e estético da literatura, o presente texto consiste em uma pesquisa bibliográfica, de cunho filosófico, que se apoia nas reflexões de Hannah Arendt e Theodor W. Adorno para questionar essa fragmentada e tecnicista formação do leitor contemporâneo, na busca por compreender a necessidade política

¹ Prof. Dr. do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. Bolsista CNPq.

³ Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas.

Revista Língua & Literatura	Fredererico Westphalen	v. 17	n. 30	p. 79 - 91	Recebido em: 20 nov. 2015. Aprovado em: 20 dez. 2015.
-----------------------------	------------------------	-------	-------	------------	--

de uma leitura calcada na pluralidade dos homens.

Palavras-chave: Leitor. Hannah Arendt. Literatura. Semiformação. Theodor W. Adorno.

O contexto é o elemento de partida para uma busca da compreensão da formação do sujeito-leitor. Mais do que mera situacionalidade, o contexto é algo que evidencia o próprio sentido, ou seja, engloba as partes em uma visão ampla e que permite, desde que se façam as relações necessárias, experimentar a ideia de todo necessária para dar início ao entendimento desse processo. A ideia de totalidade não partilha da ilusão de verdade absoluta e nem captura a essência de todas as coisas, antes o contrário, reconhece a sua incompletude e fragilidade a partir dessa mesma visão. Tal postura é, antes de mais nada, um ato político, político-reflexivo, melhor dizendo, pois a formação carrega a ideia da relação entre os homens e a constituição de um sujeito-leitor evidencia uma experiência dotada de uma consciência histórica. Considerando essa máxima, o presente texto consiste em uma pesquisa bibliográfica, de cunho filosófico, que se apoia nas reflexões de Hannah Arendt e Theodor W. Adorno para questionar essa fragmentada e tecnicista formação do leitor contemporâneo, na busca por *compreender* a necessidade política de uma leitura calcada na pluralidade *dos homens*.

Hannah Arendt comenta que o “pensamento político é mais antigo do que nossa tradição filosófica, que começa com Platão e Aristóteles, assim como a própria filosofia é mais antiga e contém muito mais do que a tradição ocidental acabou por aceitar e desenvolver.” (2008^a, p. 131). Para Arendt, tudo o que os homens fazem, sabem ou experimentam só tem significado, só tem sentido, a partir do momento em que pode ser discutido (1997), isto é, na medida em que se torna ato *político*⁴. Assim,

⁴ O conceito de política adotado no texto ancora-se na experiência da *polis* grega e pensa o homem como sujeito histórico, articulando o presente com o já vivido, fazendo com que este seja capaz de, hoje, pensar acerca das possibilidades de construção e saídas aos modelos estipulados pelo projeto da modernidade. Um dos aspectos que faz do homem um sujeito político é a ciência de que esta mobilidade nas estruturas sociais modernas é a possibilidade de recriação. « Sur le modèle grec et romain, on voit alors Arendt déchiffrer les catégories fondamentales que sont, par exemple, l'action et la parole, la promesse, etc. Ce qui amène à dire que la raison d'être de la politique (sa raison d'être et non un but, qui serait extérieur et plus haut qu'elle) est la liberté, qu'elle repose sur l'égalité et non sur la justice » (AMIEL, 2007). Tradução livre: “sobre o modelo grego e romano, se percebe Arendt decifrar as categorias fundamentais que são, por exemplo, a ação e a palavra, a promessa, etc. Isto leva a dizer que a razão de ser da política (sua razão de ser e não um objetivo,

João Luis Pereira
Ourique

Priscilla Monteiro
Chaves

Gomercindo Ghiggi

afastar a perspectiva da filosofia política na discussão da formação acaba por desenvolver uma *armadilha conceitual*⁵ que orgulha aqueles que nela ficam confinados. Uma das estratégias dessa armadilha pode ser evidenciada na fragmentação e separação da questão política. A tradição filosófica acabou por confinar os aspectos políticos a uma esfera distante da convivência humana, como se a reflexão filosófica fosse algo distante dessa realidade humana. A ideia de que a política é sinônimo de participação efetiva nos assuntos políticos cotidianos é uma ilusão que comprometeu, segundo Arendt, o entendimento e a aceitação de que, “em termos aristotélicos, a política é um meio de se atingir um dado fim; não tem finalidade alguma em si mesma e por si mesma. Mais do que isso, a finalidade específica da política é, de certa forma, o seu contrário, a saber, a não-participação nos assuntos políticos”. (2008^a, p. 133).

A consolidação de que a política é um mal necessário, de que sua discussão (entendida aqui não como uma perspectiva política-partidária ou mesmo de mobilização social ativa) acarreta no empobrecimento da filosofia e da formação humana, acabou por estabelecer nichos específicos nos quais a reflexão e a compreensão sobre a própria condição humana se torna limitada. A concepção de um sujeito-leitor dotado de uma consciência de sua própria historicidade é um ato político dos mais significativos – talvez o maior de todos – e que é negligenciado no ambiente formativo. Percebe-se, assim, que o *senso comum* acaba por situar a leitura em um espaço de discussão em que as visões generalistas predominam. Vários conceitos e concepções são estabelecidos

que seria exterior e mais alto que ela) é a liberdade, que é baseada na igualdade e não na justiça”. Assim, para Arendt, ser político significa viver em uma *polis*, ser participante e fazer uso da palavra e da persuasão, que traz o homem como sujeito de sua história, sujeito capaz de interromper o fluxo inexorável dos acontecimentos.

⁵ Em *Heidegger, a raposa*, Hannah Arendt compara o filósofo a uma raposa que não conseguia evitar as armadilhas, caindo em todas até o momento em que decide morar em uma, em construir sua toca dentro de uma armadilha. No entanto, esta armadilha servia somente para este fim, para que ela mesma caísse na mesma armadilha, não atraindo outras raposas, visto que sua presença ali acabava por afastar as demais. Arendt aponta a solução da raposa que construiu sua própria armadilha: “E assim nossa raposa teve a ideia de decorar lindamente sua armadilha e pendurar por todas as partes placas anunciando com toda a clareza: ‘Venham todos! É uma armadilha, a mais linda do mundo!’. A partir daí, é claro, nenhuma raposa iria cair nessa armadilha por engano. E mesmo assim muitas vieram. Pois essa armadilha era a toca da nossa raposa e, se alguém queria visitá-la em casa, tinha de entrar em sua armadilha. Todo mundo, exceto nossa raposa, é claro, conseguia sair de novo. Era talhada, literalmente, para o seu tamanho. Mas a raposa que morava na armadilha dizia com todo o orgulho: ‘Tanta gente me visita em minha armadilha que virei a melhor raposa de todas’. E há nisso certa verdade: ninguém conhece melhor a natureza das armadilhas do que aquele que passa a vida inteira sentado dentro de uma delas.” (2008^b, p. 382).

O esfacelamento da formação do leitor confrontado pelas reflexões de Hannah Arendt e Theodor W. Adorno

The weakening of the reader formation confronted with Hannah Arendt and Theodor W. Adorno's thought

sem, no entanto, serem capazes de sair da própria noção empírica de verdades ilusórias que foram construídas ao longo do tempo, como o prazer (prazer pelo prazer) da leitura e a da configuração e sustentação acerca do cânone e do necessário *salvamento* do patrimônio cultural a partir da formação de um *determinado tipo* de leitor.

Discutir que tipo de leitor se espera ao contrário de impor uma visão predeterminada sobre as características desejáveis de forma tão específica a ponto de inibir a ideia mesmo de *formação* é o problema que deve ser tratado juntamente com o esvaziamento da leitura. Esperar que a imposição de determinados valores resolva o problema da fragilidade do entendimento básico das obras literárias – e o conseqüente apelo cultural inserido nesse processo – pode comprometer (e a realidade presente tem demonstrado isso com assustadora frequência) a formação de sujeitos-leitores, pois a adoção limitada e limitadora de certas práticas e de determinados discursos evidencia uma não preocupação com a ideia de reflexão. Refletir é o passo adiante da compreensão e é a partir do entendimento inicial de estratégias poéticas que pode se iniciar esse processo reflexivo de forma constante e persistente contra o dogmatismo excludente contrário à própria noção de *Leitor*.

Assim, esse Leitor – apresentado com sua singularidade na pluralidade de sua inserção social – é, ou deveria ser, a busca da sociedade. No entanto, parece ser este o principal entrave no processo: aceitar a polissemia e a pluralidade das obras e dos seres que a elas convergem em seu processo de leitura e de diálogo constantes. Essa vida em comunidade, evidenciada na tradição ocidental desde a Grécia Antiga, operava com o princípio de que quanto mais a vida dos cidadãos ficava submetida às leis da *polis*, já se mostrava crescente a necessidade de uma compreensão e expressão individuais. Não é por acaso que nessa conjuntura surgem as primeiras manifestações literárias, o que permite entender que o caráter político (aqui entendido como sua expressão ética) deve partilhar a relação com a estética. Nesse ponto, a reflexão proposta por Walter Benjamin no ensaio *O autor como produtor* é fundamental quando recupera a preocupação com essa conjuntura política em um sentido mais amplo, ou seja, quando formula uma

João Luis Pereira
Ourique

Priscilla Monteiro
Chaves

Gomercindo Ghiggi

82

pergunta mais modesta, de vó mais curto, mas que em minha opinião oferece melhores condições de ser respondida. Em vez de perguntar: como se vincula uma obra com as relações de produção da época? É compatível com elas, e portanto reacionária, ou visa sua transformação, e portanto é revolucionária? – em vez dessa pergunta, ou pelo menos antes dela, gostaria de sugerir-vos outra. Antes, pois, de perguntar como uma obra literária se situa no tocante às relações de produção da época, gostaria de perguntar: como ela se situa *dentro* dessas relações? Essa pergunta visa imediatamente a função exercida pela obra no interior das relações literárias de produção de uma época. Em outras palavras, ela visa de modo imediato a técnica literária das obras (BENJAMIN, 1986, p. 122).

O esfacelamento da formação do leitor confrontado pelas reflexões de Hannah Arendt e Theodor W. Adorno

The weakening of the reader formation confronted with Hannah Arendt and Theodor W. Adorno's thought

E é exatamente essa dificuldade em responder à questão mais modesta – como as obras de situam dentro das relações de produção (entendido aqui a dinâmica do contexto sócio-histórico nas quais as mesmas se inserem) – que expõem a problemática tão incomodamente presente no espaço destinado aos leitores, e em especial àqueles em formação que, inadvertidamente, sucumbem à autoridade de *pseudoleitores*.

É difícil aceitar que o valor de uma obra literária reside exatamente na sua inutilidade perante as estruturas e os valores consensuais. Até pode operar em sua direção, mas reside no fazer literário – e deveria estar presente ainda mais no seu processo de leitura – uma certa inadequação, uma insatisfação que relembra o inconformismo humano. Ao pensarmos, introdutoriamente, nessa inutilidade, pensamos também acerca da (im)possibilidade de reconstrução da experiência (*Erfahrung*) por meio da Literatura.

Da mesma forma e corroborando tal denúncia, desde Protagoras já se tem a preocupação de que, quando se faz do homem a medida de todas as coisas de uso, está se priorizando a relação do mundo com o homem que utiliza e fabrica artefatos, coisas, ferramentas. E não com o homem-orador, pensador, ou o homem político. E, como é natural do homem-coisa, do homem do *trabalho* visar em tudo que há ao seu redor um meio para um fim, isto consequentemente significaria não somente transformar homem o meio de todas as coisas materialmente necessárias, como também fortalece a constituição de uma sociedade apolítica, em que o discurso e a ação são tomados equivocadamente

como ociosidade, como vã e carente de função significativa social. “O sonho da formação — a libertação da imposição dos meios e da estúpida e mesquinha utilidade — é falsificado em apolo-
gia de um mundo organizado justamente por aquela imposição” (ADORNO, 1996, p.392).

Da mesma maneira acontece com a formação do sujeito leitor, que tenta considerar tudo o que existe e foi *extraído* de sua formação como simples meios à sua disposição, meios de ser reconhecido socialmente, de adquirir uma técnica e ter uma *utilidade* social, a partir dessa ferramenta. Uma vez que a partir dessa *aquisição* ele se servirá de um conhecimento tomado como legítimo e com fim em si mesmo, que será extremamente útil para a obtenção de outras coisas (ARENDDT, 1997).

Compartilhando das mesmas preocupações, nesse sentido, para Adorno, no âmbito da semiformação⁶, “os conteúdos objetivos, coisificados e com caráter de mercadoria da formação cultural, perduram à custa de seu conteúdo de verdade e de suas relações vivas com o sujeito vivo, o qual, de certo modo, corresponde à sua definição” (1996, p.394). Assim, as atividades de caráter eminentemente político acabam sendo avaliadas pela insensatez do critério da utilidade, com vistas a finalidades supostamente mais elevadas, com a tentativa de tornar as atividades do sujeito cada vez mais úteis. Porém, o preço que se paga em virtude de tal visão utilitarista, bem semelhante à visão de *homo faber*, é a carência de envolvimento do sujeito com o objeto a ser conhecido.

Ao questionar a constituição do leitor formado pela *não-experiência*, que não media a maneira como o sujeito se envolve com tal objeto, que faz com que ele se adapte ao meio e tome como verdade aquilo que extrai de uma distante e artificial relação, conforme uma maneira de se relacionar com o mundo cal-

⁶ Em um primeiro momento é possível e necessário duvidar do privilégio dessa nomenclatura/tradução em detrimento à pseudoformação, uma vez que o termo semiformação é uma sugestão de tradução do termo *Halbbildung* nos mais correntes estudos da área. O prefixo do termo alemão *Bildung* (*bild*) refere-se a quadro, imagem, forma, no sentido que cada sujeito constitui imagens de si mesmo a partir da *Erfahrung* (experiência), termo que possui seu radical em *Führen* que, dentre outros significados próximos, também refere-se àquele que viaja, que está aberto a aprender pelos trajetos que percorre. O prefixo alemão *halb* tende a ser compreendido como parte, pedaço, algo inacabado. O que faz com que um leitor desavisado suponha que esta é uma formação que ainda não teve seu fim, e Contraditoriamente ao que alega Adorno, uma vez que a formação cultural “se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede à formação cultural, mas a sucede” (p.393). Uma traiçoeira explosão de barbárie, pois nada daquilo que é apreendido sem pressupostos empíricos por parte do sujeito poderia ser apontado como formação.

cado no sociabilizável, envolvendo uma relação ambígua com o contexto social, que visa adaptação; demanda uma desconfiança dos louvores aos bens culturais, desconfiança da dissociação desses bens às coisas humanas. Bem como demanda um olhar duvidoso acerca da finalidade de uma formação que esquece dessa relação e descansa em si mesma e se absolutiza (ADORNO, 1996).

Bem como a filosofia já alertara que acontecia na modernidade, nos tempos atuais ainda há resquícios e comportamentos sociais que demonstram um empenho – intencional ou não – bastante marcado em restringir cada vez mais da esfera pública o homem político, o sujeito que fala e age. O sujeito pensante, uma vez que esse não é útil às necessidades ditas *primeiras* que a sociedade carece. O que repercute na precariedade da atividade leitora, que se faz perante o inacabamento do texto, que deve ser complementado no momento em que lhe é dado um sentido. Em outras palavras, ele está subordinado à atividade inteligente do sujeito, às suas experiências sensíveis, individuais e coletivas, pois “chaque lecteur réagit personnellement à des parcours de lecture qui, étant imposés par le texte, sont les mêmes pour tous”⁷ (JOUVE, 1993, p.30). Isto é, a maneira como o texto se constitui tenta obedecer determinados aspectos comum a todos os leitores, todavia, é a relação do sujeito com esses aspectos, edificando sentidos plurais, que justificam o caráter subjetivo da recepção.

Para Arendt, o esfacelamento da referida subjetividade e uma espécie de *consumismo cultural* são pilares da *crise na cultura*, que advém de um fundamental impasse que é o relacionamento altamente problemático entre sociedade e cultura. Arendt estabelece a referenciada crítica fundamentada pelo fato de que a sociedade, à sua época, sentia necessidade de cultura, valorizava e desvalorizava objetos culturais – e isso ocorria ao transformá-los em mercadorias – e usava e abusava deles em proveito de seus fins mesquinhos (ARENDRT, 2000).

Em consonância com a concepção arendtiana de cultura, Adorno propõe que essa deve assumir um caráter político e problemático. Diferentemente do que ocorre no contexto social atual em que “a cultura se converteu, satisfeita em si mesma, em um valor” (ADORNO, 1996, p.389), ela deve ser um traço dis-

O esfacelamento da formação do leitor confrontado pelas reflexões de Hannah Arendt e Theodor W. Adorno

The weakening of the reader formation confronted with Hannah Arendt and Theodor W. Adorno's thought

⁷ Tradução livre: “Cada leitor responde pessoalmente aos caminhos da leitura que são impostos pelo texto, igualmente a todos.”

tintivo das realizações humanas e da maneira de o homem se posicionar no mundo, sejam elas corretas ou equivocadas, contudo, mortais e revogáveis.

Seria de se apontar para uma situação em que a cultura nem fosse sacralizada, conservada em seus restos, nem eliminada, porém que se colocasse além da oposição entre cultura e não cultura, entre cultura e natureza. Isto, porém, requer que não somente se rejeite uma concepção de cultura tomada como absoluta, como também que não se dogmatize, que não se enrijeça sua interpretação em tese não dialética como algo dependente, como mera função da práxis e mero voltar-se a ela (ADORNO, 1996, p. 409).

João Luis Pereira
Ourique

Priscilla Monteiro
Chaves

Gomercindo Ghiggi

86

Adorno credits part of this vice “à grandiosa metafísica especulativa e à música, que a ela se uniu intimamente em seu desenvolvimento”. Todavia, o filósofo considera que nesta “espiritualização da cultura está já, ao mesmo tempo, virtualmente confirmada sua *impotência* e entregue a vida real dos homens às relações *cegamente* existentes e *cegamente* mutantes” (1996, p.389) (grifos meus). Incutido pelos escritos de Max Frisch a respeito do holocausto, pensador que “observou que havia pessoas que se dedicavam, com paixão e compreensão, aos chamados bens culturais, e que, no entanto, puderam se encarregar tranquilamente da práxis assassina do nacional-socialismo”, Adorno defende que isto não somente simboliza uma “consciência progressivamente dissociada, mas sobretudo dá um desmentido objetivo ao conteúdo daqueles bens culturais [...] enquanto sejam apenas bens, com sentido isolado, dissociado da implantação das coisas humanas” (1996, p.389-390). Para ele, uma das consequências é que esse louvor se reflete em toda humanidade e tudo que o lhe for inerente.

A concepção de cultura proposta por Theodor Adorno prevê que é empreitada de cada sujeito melhor *compreender*⁸ as coisas mundanas, uma vez que estes não podem ser tomados como algo dado ou incorruptível. Ele julga profícuo o comportamento do homem quando seu posicionamento perante a sua cultura é

⁸ Título da obra de Hannah Arendt na qual ela aborda a importância de conferir significado ao conhecimento que este verbo carrega consigo, advogando, em seu contexto pós-genocídio, que a compreensão “será mais eficiente para impedir a adesão das pessoas a um movimento totalitário do que a mais sólida informação, a mais perspicaz análise política ou a mais profunda erudição” (2008, p. 334).

de constante crítica. “O crítico da cultura não está satisfeito com a cultura mas deve exclusivamente a ela esse seu mal estar” (ADORNO, 2001, p.07). O filósofo reforça em seus escritos a necessidade da insatisfação do sujeito com o as informações tais como se apresentam na contemporaneidade. A crítica cultural nos escritos adornianos é oponente da mera informação a respeito daquilo que ele denomina mercado dos frutos espirituais, como se estes estivessem ali dispostos para serem adquiridos, ou trocados. A crítica cultural precisa ser elevada ao setor privilegiado da crítica da razão. Isto significa que os fenômenos da cultura, por mais específicos, fixados e restringidos que possam parecer, precisam ser repensados, ponderados e avaliados como demandas gerais de uma positiva racionalização social, de um inquérito aos padrões de racionalidade estabelecidos e aos critérios dados como normativos.

Para Adorno, “o ininterrupto palavrório da cultura soa como algo alheio ao mundo e ideológico em face da tendência à sua liquidação, que se manifesta objetivamente e extrapola as fronteiras dos sistemas políticos” (1996, p.408). Complementando esta censura a um conceito de cultura espiritual com fim em si mesma, em uma de suas mais emblemáticas sentenças, utilizando as palavras de maneira lúdica, ele alega que “a crítica não é injusta quando destrói – esta seria sua melhor qualidade – mas quando, ao desobedecer, obedece” (2001, p.11). Caso contrário, é só mais uma ferramenta das revoluções históricas que aperfeiçoam a máquina, ao invés de destruí-la (MARX, 1978). Pois, naquelas circunstância nas quais a “cultura foi entendida como conformar-se à vida real, ela destacou unilateralmente o momento da adaptação [que é de forma imediata a caricatura de dominação progressiva], e impediu assim que os homens se educassem uns aos outros” (ADORNO, 1996, p.390).

Ainda que haja uma mínima experiência estética atingida ou um parco contato com a cultura, a formação de leitores, quando radicada em um louvor aos bens culturais, universalizada e burocratizada – com uma roupagem de educação eficiente, tende a fabricar doutores estereotipados pela experiência do outro, transmutada em conceitos vazios (para este que os “recebe”) que estão calcados nos questionamentos vindouros dos valores daque-

O esfacelamento da formação do leitor confrontado pelas reflexões de Hannah Arendt e Theodor W. Adorno

The weakening of the reader formation confronted with Hannah Arendt and Theodor W. Adorno's thought

João Luis Pereira
Ourique

Priscilla Monteiro
Chaves

Gomercindo Ghiggi

88

le que os vivenciou, que procurou coerência simbólica entre a obra em questão e a sua maneira de perceber o mundo. O que quer dizer que os mecanismos de interpretação da dor e do prazer se converteram em um plano de interpretação dos seus valores, do seu contexto. Dessa forma, o que era formativo a partir daquela gama prévia de saber, naquela cultura, quase sempre não o é para outrem.

Pela crítica radical tanto de Adorno quanto de Arendt é possível inferir que a instrumentalização da experiência de outrem não configura mais que uma atividade “de reconhecimento, de reduplicação, de corroboração de valores” (LIMA, 1979, p.47), entretanto de outras leituras. Esses são fatores que fariam com que a experiência estética deixasse de ser uma forma de prazer e de conhecimento *sui generis*, em virtude da hipotética tentativa de controle conceitual vazio e colonizador que sua instrumentalização difundiria, impedindo a projeção e o questionamento de suas prenoções e expectativas, que ocorrem tão somente porque conceitualmente não são controladas (LIMA, 1979). Pois, “*las cosas que vemos nunca nos comprometen, sino que sencillamente las vemos afuera y le aplicamos un estereotipado criterio de causalidad para neutralizarlas*” (KUSCH, 1976, p. 68).

Por conseguinte, o conhecimento engendrado durante a experiência estética sempre terá um caráter misto. Ou seja, ainda que por ela o leitor se abra a um horizonte de expectativas antes imprevisível, este não se alça à condição de uma articulação conceitual, mas tenderá sim a retornar à condição de hábito mental (LIMA, 1979, p. 48).

Coadjuvando-se pelo diálogo entre as reflexões de Arendt e Adorno, corrobora-se esse princípio de que a leitura deveria ser para quem a realiza um momento de experiência, subordinada às mais diversas e inconstantes verdades do leitor, que *a priori* não podem ser substituídas por nenhuma técnica nem teoria. Isso quer dizer que no lúdico da interpretação, local em que o leitor deveria perder-se ao experimentá-lo, a potencialidade do eu, o poder da avidez, e os acordos e desacordos das ideologias teriam funções categóricas, terminantes.

Compreendido esse caráter plural da atividade leitora e

evocando as muito discutidas crises - crise na cultura e crise na educação (ARENDDT, 1997) – talvez fundidos elementos de ambas por Adorno na crise na formação cultural, tem-se nos últimos tempos a *crise na leitura*, que, ao analisar o que até aqui foi proposto pode se inferir que esta se dê principalmente pela supressão de um processo que demanda a experiência sensível por parte do sujeito nessa formação. Quando, em prol de um resultado, visando uma utópica independência do sujeito – o que Kant já alertara como possibilidade de os homens serem senhores de si mesmos através do conhecimento - gera um isolamento político também na faculdade de ler, que deveria ser eminentemente política, por parte do sujeito. Tornando a leitura uma atividade limitada, que, apesar de toda ilustração e de toda informação que se difunde na evolução do conhecimento científico, passou a ser dominante da consciência leitora na atualidade.

Pensar a formação do sujeito-leitor demanda considerar as diferentes relações que o homem estabelece, bem como a constituição de uma experiência preñe de consciência histórica, reconhecendo a sua incompletude e sua fragilidade a partir dessa mesma visão. Além da totalidade que foi tecida até então e concluindo estas palavras, a maneira como as reflexões arendtianas podem ser tomadas como resistência ao esfacelamento desse leitor é a partir da noção de que a leitura deve fazer parte da ação dos homens sobre a realidade social, voltando-se contra uma cultura afirmativa e utilitária.

Logo, é possível conjecturar que uma contemplação reproduzida de sua propagação tende ainda mais a atrofiar a sensibilidade do leitor que, insensibilizado, permanecerá quase que indiferente à novidade da experiência. O estranhamento ao mundo é um momento da literatura, enquanto arte; quem não a percebe como estranha ao mundo de nenhum modo a perceberá (ADORNO, 1992). Quando Adorno aborda a *Halbbindung*, em estreito diálogo com a teoria arendtiana – e também com a teoria benjaminiana –, adverte a crescente necessidade que a sociedade tem de uma apropriação alienada do objeto, tanto para sua utilização quanto para sua reprodução e socialização. É possível pensar que nos últimos tempos a escola tem satisfeito vastamente tal necessidade. Esta configura uma relação quase nunca declarada, pois fre-

O esfacelamento da formação do leitor confrontado pelas reflexões de Hannah Arendt e Theodor W. Adorno

The weakening of the reader formation confronted with Hannah Arendt and Theodor W. Adorno's thought

quentemente ela fornece o engodo de conhecer as obras literárias, o que seria um fenômeno positivo, visto que, como faz parte do desejo de muitos, amplia o conhecimento. Entretanto esse ainda configura um falso conhecer, levando a sossego pelo domínio do que é instrumental em detrimento da experiência vivida.

ABSTRACT: An analysis of the newest updates on research about the reading competence in Brazil demonstrates the neglect with subjects that involve reading, and particularly the reading of literary texts. This situation becomes worrisome when it is clear that, despite all illustration arising from scientific advances and disseminated information, a deficient formation became dominant. As a consequence of this reality, reading remains of a largely utilitarian nature, and is closely associated to a school context. Respecting the ethical and aesthetic potential of literature, this text consists of a bibliographic and philosophic research, which, based on the reflections of Hannah Arendt and Theodor Adorno, questions this fragmented and technical formation of the contemporary reader, in order to understand the political need of a reading for the plurality of men.

Keywords: Reader. Hannah Arendt. Literature. *Halbbildung*. Theodor W. Adorno.

Referências

ADORNO, Theodor. Teoria da Semicultura. Trad. Newton Ramos-de-Oliveira. In: *Educação e sociedade*. Campinas: Papirus, 1996 (ano VII, n.56, pp.388-411, Dezembro).

_____. A arte é alegre? In: A arte é alegre. Trad. Newton Ramos-de-Oliveira. In: DE OLIVEIRA, Newton Ramos ; ZUIM, Antonio Álvaro Soares; PUCCI, Bruno (orgs.). *Teoria crítica, estética e educação*. Campinas: Autores Associados; Piracicaba: Unimep, 2001.

_____. *Teoria estética*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1992.

João Luis Pereira
Ourique

Priscilla Monteiro
Chaves

Gomercindo Ghiggi

AMIEL, Anne. *Le vocabulaire de Hannah Arendt*. Ellipses, Paris, 2007.

ARENT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1997.

_____. *Entre o passado e o futuro*. Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. O fim da tradição. In: _____. *A promessa da política*. Tradução: Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro, Difel, 2008^a.

_____. Heidegger, a raposa. In: _____. *Compreender: formação, exílio e totalitarismo*. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008^b.

BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. In: _____. *Mágica e técnica, arte e política*. 2. ed. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986.

JOUVE, Vincent. *La lecture*. Hachette Livre, Paris, 1993.

MARX, Karl. *O 18 Brumário e cartas a Kugelmann*. Tradução de Leandro Konder e Renato Guimarães. – 4^a Ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

Os esfacelamentos da formação do leitor confrontado pelas reflexões de Hannah Arendt e Theodor W. Adorno

The weakening of the reader formation confronted with Hannah Arendt and Theodor W. Adorno's thought
